

A CENTRALIDADE REPRESENTADA PELO OPERARIADO FABRIL FEMININO NOS ANOS 1950 EM SÃO JOÃO DA BOA VISTA.

MARIA NICOLAU*

No interior de São Paulo, há duzentos e vinte e três quilômetros a noroeste do estado, fronteira com Minas Gerais, localiza-se a cidade de São João da Boa Vista. Essa, ao longo do século XX, mas principalmente no início desse período, atraiu imigrantes, sobretudo aqueles que vieram em busca de terras para plantar, sobreviver e se estabelecer no Brasil, dada a base agrária da região. Em São João havia interesse em dedicar-se à lavoura do café, plantar gêneros alimentícios, cuidar do gado e outros animais de corte.

Havia uma necessidade de tocar a vida em família, pois muitos dos que chegavam ao Brasil vinham com suas famílias. Segundo Truzzi,

o grosso dos imigrantes libaneses não chegou aqui sozinho, desamparado, eles haviam imigrado com base em decisões razoavelmente bem informadas a respeito de aonde ir, onde encontrar trabalho, (...) havia uma clara noção fornecida pelos que chegavam antes. (TRUZZI, 2005:44)

Nesse contexto, em 1910, aporta na cidade uma família de árabe-libaneses, integrando a “imigração em cadeia (...) responsável por enormes parcelas de imigração síria e libanesa (...), irmão puxando irmão, filhos, primos, pais, tios, avós, (...)” (idem: 44) que chegavam ao país naqueles anos. Acompanhando o movimento que tantos outros imigrantes fizeram, após os trâmites burocráticos na Casa do Imigrante, foram encaminhados para o interior do Estado de São Paulo, onde “acabaram se enraizando (...) ao entrar em contato com as pessoas (...) de uma região rural do interior do Brasil” (idem: 46). E naquele interior paulista já predominava o centro urbano, lócus preferido daquela família tradicionalmente vinculada ao comércio e às lutas do cotidiano da cidade.

Levando em consideração a vinda de diferentes imigrantes portadores de culturas variadas, acreditamos que as convivências entre culturas tão diversas nessa

* Mestranda em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) cujo tema de pesquisa é “A Liderança Trabalhista de Miguel Jorge Nicolau em São João da Boa Vista, SP.” sob orientação da professora Dra. Vera Lúcia Vieira.

cidade permeada por um crescimento urbano-industrial, exprimiram conflitos e antagonismos.

Em vista desse processo, imigrantes aportados em São Paulo tornam-se operários das fábricas, dentre elas a fábrica têxtil Fiação e Tecelagem São João (FIATECE) - na época um dos principais núcleos empregatícios da cidade. Tal lócus fabril tinha uma produção de toneladas de tecidos, os quais eram vendidos no interior do estado e fora dele, demandava cada vez mais produtos.

De acordo com uma antiga funcionária da fábrica, a partir de uma entrevista, relatou que, particularmente, a FIATECE “exportava para todo o mundo, eu lembro que eu trabalhei na sala do pano, nossa como tinha encomenda para mandar para o exterior, nossa senhora!” (Antônia da Souza, São João da Boa Vista, 10 de setembro de 2010).

As eleições municipais nos anos 1950 assumiam o papel principal, com a volta de Vargas ao poder. Naquela pequena cidade, o desenvolvimento urbano com suas atividades comerciais e produtivas havia feito prosperar a família árabe-libanesa que lá chegara em 1910 e que acompanhava na conturbada conjuntura dos anos de 1950, - com a percepção da importância da coisa pública, adquirida talvez de seus antepassados -, o crescimento sindical e a mobilização em torno do pleito eleitoral municipal.

Era visível o crescimento do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), disputando com outras siglas as legendas para as eleições municipais e o senhor Miguel Jorge Nicolau colocou-se na disputa, ao lado do PTB e, portanto, dos trabalhadores, candidatando-se, inicialmente, a deputado estadual, ficando, já em 1953, como suplente.

As leis implantadas pelo partido, que prometiam “justiças sociais” já estavam em vigor, respondendo às demandas do setor trabalhista. Suas raízes se expandem após o movimento de 30 e o PTB, que se desenvolvera durante o “Estado Novo, vinculado à legislação trabalhista” (BENEVIDES, 1989:94), se apresentava como o partido capaz de fazer com que tais leis fossem, de fato, cumpridas.

O “enraizamento profundamente popular” (idem: 93) do PTB, na cidade de São João, vai possibilitar a eleição do senhor Miguel Jorge Nicolau que obteve o apoio circunscrito do operariado fabril e do trabalhador rural. É, portanto, nesse contexto

que a liderança de Miguel Jorge Nicolau, deputado estadual eleito pela legenda do PTB, ininterruptamente, de 58 até 64, ano de sua cassação política, vai se firmando. Sua importância política se deu particularmente porque, na Assembleia, continuou intercedendo pelos direitos dos trabalhadores junto aos poderes competentes, o que lhe valeu a vigilância dos agentes do DOPS (Delegacia de Ordem Política e Social), ao longo de todo o período de militância.

Na cidade, a sede do PTB era de propriedade de Miguel Jorge Nicolau. Nesse prédio funcionavam também as sedes da União Geral dos Trabalhadores (UGT), da Associação dos Profissionais dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem, da Associação Profissional da Construção Civil e Imobiliária, da Escola de Comércio, do Grêmio Estudantil e do Aeroclube Local. Confirmando a tradição, o senhor Miguel instalara aí também um armazém, onde alimentos como arroz, café, e outros produtos básicos, eram vendidos e/ou distribuídos entre os associados.

Era o espaço de reuniões do PTB com os chefes de outros estados, de Minas e do Rio Grande do Sul, e também local onde se discutiam todas as atividades da militância, tais como a organização de uma banda local, a participação em desfiles, a organização de atividades culturais, dentre outras tantas iniciativas.

O PTB chegou a ter tal destaque que até mesmo o senhor João Goulart, quando presidente, veio à cidade fazer comícios sobre o trabalhismo, demonstrou sua amizade para com o líder local do partido, Miguel Jorge Nicolau.

Na atuação de Jango no ministério, não podem ser minimizadas as inovações que dizem respeito ao estilo de relacionamento com as lideranças sindicais e com as massas trabalhadoras (...) sua passagem pelo ministério é marcada por um estilo mais informal e flexível no tratamento das questões sociais (...) recebendo as lideranças no gabinete ou indo a eventos promovidos por entidades dos trabalhadores”. (GOMES, D’ARAÚJO, 1989: 63)

Adotando-se essa perspectiva, foi

João Goulart que promoveu a liberalização desse movimento, inclusive pressionando pelo aumento do salário mínimo, na esteira das reivindicações dos trabalhadores (...) a iniciativa visava não só fortalecer as bases de apoio do governo, como também reativar o apoio trabalhista no meio operário (...) a presença de Jango junto aos sindicatos, aos órgãos previdenciários e a outras instituições ligadas ao mundo do trabalho evidencia o quanto houve investimento nessa área de atuação”. (GOMES, 2002, p. 9)

Nesse quadro, e considerando que “a importância do Ministério do Trabalho em São Paulo era enorme, pois o estado concentrava 70% do movimento sindical em todo o país” (BENEVIDES, 1989: 93); “tudo que se relacionava com a vida sindical estava

efetivamente, no Governo Kubitschek, submetido à sanção ministerial e a Goulart” (idem: 95).

Assinala-se que “o ano de 1955 (...) seja o ano em que se adota, pela primeira vez no país, a cédula oficial e em que se começa a sentir seus efeitos” (GOMES, 2002: 11) nas eleições, e se possibilita maior liberdade de escolha dos candidatos, apesar de toda a repressão e das falcaturas vigentes desde tempos imemoriais.

Observa-se a partir de então, desde que a trajetória política do senhor Miguel Nicolau começou - quando se inscreveu no PTB -, uma presença política mais marcante, pois passou a integrar uma das comissões mais importantes do partido: a “comissão executiva do diretório estadual de 1958 do PTB” (idem: 85), conforme ressalta Benevides no texto já citado. Neste período ele ajudou a redigir o documento que lançou os princípios do partido: a luta pelo salário mínimo, liberdade sindical, exploração das fontes naturais de produção, modernização do aparelhamento das forças armadas, reforma agrária, reformas tributárias, dentre outros.

São Paulo era um dos estados mais industrializados do país naquele período e as cidades do interior continham uma dinâmica própria com as contradições decorrentes do imbricamento entre o cenário urbano e o rural. Nesse cenário, São João da Boa Vista era uma das cidades típicas desta condição. Uma cidade com uma população de 33.870 habitantes em 1955, cujo contingente da população rural era de 58%.

Dessa forma, as lideranças políticas que emergem nessa conjuntura da cidade podem ser tomadas como a referência deste cotidiano de cidade do interior na qual as oposições políticas se confrontam com relações pessoais, de amizade, de parentesco. São vizinhos, compadres e comadres, que se encontram no único espaço público vigente na cidade, ou seja, a praça, onde fica também a Câmara Municipal e o prédio da prefeitura. O espaço de reuniões dos partidos fica também, “logo ali, virando a esquina”, como se diz no interior. Tal proximidade fez da política uma expressão do cotidiano da vida, das conversas das comadres, no mercado, na missa, nos serões familiares.

Ou seja, busca-se recuperar nesta pesquisa o cotidiano interno de um fazer político, particular deste tipo de cidade do interior paulista, a partir de um personagem que expressava todos os aspectos da sociabilidade indicadas acima. Pois Miguel

Nicolau, descendente de libaneses, olhado com desconfiança pela polícia política, – deputado, prefeito, cidadão cassado –, integrava uma grande família que não se restringia aos laços parentais. Nessa direção, as memórias que o trazem de volta advêm de pessoas as mais diversas: da elite rural e empresarial, dos comerciantes, da dona de casa, dos operários e demais trabalhadora urbana e rural e, principalmente, de operárias das fábricas têxteis, cujos direitos ele se dispôs a defender.

A liderança dessa personagem junto ao eleitorado feminino das fábricas indica um aspecto da vida política desta cidade ainda pouco trabalhado pela historiografia voltada aos estudos sobre a política ou para o tema do trabalho.

Mas, nesta cidade se observa que o trabalhismo petebista e a política em geral tinham uma configuração sui generis: a centralidade de um operariado feminino, cujas lutas corporativas, o Sr. Miguel abraçou e ajudou a tornar públicas.

Tal configuração não se restringia apenas às operárias das fábricas, mas atravessava o universo cotidiano da vida daquela cidade, onde a política se misturava com a fofoca da esquina e das comadres no mercado, na missa, nos batizados, nos enterros, como já foi mencionado.

No acervo da cidade também se encontra o semanário local “O Município”. Um jornal que era onipresente nos anos 40, de propriedade de um jornalista, o senhor Walter Luhmann. O jornal foi vendido em 1956 para um grupo que era formado pelo próprio senhor Miguel Nicolau e por seus amigos e correligionários, os senhores Durval Nicolau, Ito Amorim, Hélio Correa da Fonseca, José Lopes e Wilson Gomes. Em 1962, Miguel Nicolau comprou dos demais sócios suas quotas e tornou-se o único proprietário até o ano de 1982.

Esse jornal, no período de 1956 até 1964, serviu de veículo partidário na construção de sua hegemonia política pessoal e na de seu partido, o PTB. Tomado “como expressão de interesses sociais, (...) e como expressão do debate político em processos eleitorais” (CRUZ, PEIXOTO, 2007: 47), o “O Município” contém elementos essenciais para a compreensão do assunto a ser investigado. Trata-se de “considerar a imprensa em sua historicidade não perdendo de vista suas articulações mais amplas com a história (...) como princípio norteador e ponto de partida da pesquisa” (idem: 262).

É possível, pois, verificar através desse jornal, como se inscreve o debate político que expressa opiniões dos trabalhadores e de outros segmentos sociais daquela cidade, no período de 1955-1959, utilizando-se dos procedimentos que nos permitem realizar uma análise interna dos discursos particulares, e confrontá-los com as condições históricas que os produziram.

A pesquisa pode ser estendida, caso haja necessidade de se confrontar informações ou acrescentar dados que possam preencher lacunas, com a consulta aos arquivos do DOPS, já que, no período, a censura ao operariado, particularmente no interior de São Paulo, produziu centenas de documentos, resultado da vigilância dos agentes deste órgão. O senhor Miguel Nicolau foi vigiado durante todo o período de Juscelino Kubitschek por tais agentes, que produziram dossiês sobre todas as suas atividades políticas e sobre o cotidiano de sua vida, pois era, na visão destes censores, um subversivo da ordem, um perigoso comunista infiltrado no PTB, um risco à segurança nacional. Tanto é assim que, baseados nestas informações, os agentes da ditadura iniciada em 1964 passaram a reprimi-lo, acabando o regime militar por cassar seus direitos políticos.

Também nesta condição complementar estão os discursos políticos existentes nos anais do Acervo Histórico da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, já que ele foi deputado estadual no período de 1953 a 1964, conforme já dissemos.

Outra fonte imprescindível para viabilizar essa pesquisa são as entrevistas com pessoas que trabalhavam na fábrica, numa perspectiva de trabalho com a história oral. Há como levantar essas pessoas, que são, em sua maioria, mulheres, através de documentos da Associação, e de pessoas com as quais tenho contato mais próximo. Uma senhora já foi entrevistada, e narrou o funcionamento da fábrica na época. Sabe-se por ela, por exemplo, que o número de funcionários era composto por 80 % de mulheres. A pessoa entrevistada observou todo o envolvimento partidário com o PTB, na época do senhor Miguel Nicolau.

Na teorização sobre essas histórias orais, Alessandro Portelli, em *Forma e significado na História Oral* tem sido uma referência substancial. Conforme esse autor, a pesquisa oral pode ser tomada como um experimento em igualdade, “uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua” (PORTELLI, 97: 9). Pode-se pensar na mutualidade que a história oral confere: uma igualdade a se

conquistar e perceber. Ou melhor, perceber “o papel da igualdade e da diferença, também no campo da pesquisa” (idem: 23), pensando principalmente na diferença do outro, “minha diferença é que foi apreciada” (idem: 18), diz.

Portelli nos orienta para as responsabilidades da história oral, no sentido de observar as pessoas e a importância de cada indivíduo:

cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas (...) nossa arte de ouvir baseia-se na consciência de que praticamente todas as pessoas com quem conversamos enriquecem nossa experiência (PORTELLI, 97: 16).

A memória é um processo individual, diz o autor, “tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas”, trazendo à tona o seu passado, e “o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais” (idem: 16).

Considerando-se que as mulheres são as responsáveis por construir interpretações: “Na verdade, elas vêm com uma ‘oralidade’, que nos indica um gênero de discurso” a ser estudado (KHOURY, 2001: 83). Devemos nos apoiar e nos direcionar para suas “falas”, buscar entender essa “oralidade” da memória popular.

Ao se colocar a questão sobre as representações sociais ou coletivas sob o ponto de vista da história oral, há um aspecto a se considerar: reconhecer e valorizar experiências de sujeitos históricos, que podem ter sido silenciados. No caso das mulheres, conforme afirma a autora Sonia Maria de Freitas, em *História Oral: Possibilidades e Procedimentos* (1995), essas podem até ter construído um imaginário que, posteriormente, permaneceu de geração para geração, uma vez que existem informações presentes nas memórias não encontradas em outros documentos.

Assim, no que concerne às entrevistas, a história oral será uma das ferramentas para se analisar o operariado fabril feminino e sua contribuição na formação da liderança do senhor Miguel Jorge Nicolau e do PTB na cidade de São João da Boa Vista. Contemplar os depoimentos de pessoas que nessa experiência e atuaram de diferentes maneiras nesse processo é uma forma de apresentar o desenvolvimento do presente trabalho.

Nesse contexto será necessário adentrar ao cotidiano operário, o qual se inscreve na vida “fora do local de trabalho” e “como força social importante”, e que, segundo Decca, “é objeto de preocupação (...) onde a ordem urbano-industrial se acentuava” (DECCA, 1978: 11), e isso em São João da Boa Vista é importante

analisar. Tais memórias relativas a este cotidiano fabril também serão recuperadas na perspectiva da oralidade para que se desenvolvam tópicos guias utilizados nas entrevistas, além das entrevistas e depoimentos, já mencionados. Adotar essa perspectiva em relação à cidade de São João da Boa Vista nos possibilita complementar a investigação com informações sobre as condições e o padrão de vida incluindo habitação, higiene e saúde, e também qual era o papel da imprensa para esses trabalhadores.

Ressalta-se assim, a importância das narrativas das operárias da fábrica, principalmente porque muitos questionamentos dessa pesquisa serão analisados e refletidos tendo como fonte essas memórias. Uma senhora entrevistada, por exemplo, nos possibilita verificar como funcionou o operariado fabril feminino e sua contribuição na formação da liderança do senhor Miguel Jorge Nicolau.

Desta forma, ao pensarmos nas atuais correntes da historiografia, como ressalta Sonia Maria de Freitas em seu texto, a história oral tem adquirido um novo status. Esta autora cita Maria Isaura P. Queiroz (1983: 91), que nos coloca frente a uma avaliação da história de vida: “história de vida e depoimentos pessoais, a partir do momento em que foram gerados passam a constituir documentos como quaisquer outros (...), funcionam também como provas” (FREITAS, 1995:46).

Ao redimensionarmos o trabalho do historiador com o olhar para a oralidade através de uma entrevista gravada, refletiremos sobre a reconstrução do passado, como sugere a autora, e que a

linguagem auditiva, que se baseia essencialmente no uso da voz, exercerá um papel fundamental, (...) a voz é um elemento em si mesmo; suas variações dão sentido ao texto transmitido, transformam-no, dando-lhe, muitas vezes, um significado além do que foi meramente dito. (FREITAS, 1995: 47)

Nesse sentido, além de recuperar os testemunhos da história, “a coleta de depoimentos e de histórias de vida pode ser inserida no amplo esforço de resgatar a palavra de indivíduos, que sem a mediação do pesquisador, não deixariam nenhum testemunho” (FREITAS, 1995: 49).

Sem esquecer que na entrevista, como diz Portelli em *Forma e Significado na História Oral*, é necessário colocar-se de forma igual, sem se “estereotipar” frente ao outro, sem uma relação de poder entre pesquisador e informante. A atitude de “interagir de forma mútua com os entrevistados” (PORTELLI, 1997:12), é uma meta a ser cumprida. A aproximação por amizade, muitas vezes, oferece uma possibilidade de

exercitar essa mutualidade. O pesquisador tem que buscar um sentido de irmandade e de semelhança com o entrevistado (idem: 17). Acredito assim, que as fontes orais são um instrumento metodológico que nos coloca frente a diferentes sujeitos históricos que se posicionam, fazem escolhas e apresentam possibilidades de interpretação, para compreender o cotidiano da cidade e o universo do trabalho.

As relações vividas pelas pessoas que trabalharam nesta fábrica foram construídas a partir dos sujeitos integrados às construções de interpretações e significados atribuídos a elas.

Poderemos estudar como esses sujeitos sociais fizeram parte desse processo. Tais personagens foram construindo cotidianamente, uma sociabilidade e uma história, além daquelas expressas nos embates sociais, nas formas de ver e de pensar. Mas, de acordo com os limites desse trabalho, outras questões e discussões serão problematizadas e refletidas em textos futuros.

BIBLIOGRAFIA

BENEVIDES, Maria Victoria. *O PTB e o trabalhismo. Partido e sindicato em São Paulo: 1945 – 1964*. Editora Brasileira. CEDEC. 1989.

CRUZ, Heloisa de Faria e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. *Na oficina do historiador. Conversas sobre história e imprensa. Revista Projeto História*, São Paulo, volume 10, nº 35, Dez./07 pp. 255 a 272, ano 2004.

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas. Cotidiano Operário em S.P. 1920-1934*. São Paulo- Ed. Paz e Terra. 1978.

GOMES, Ângela de Castro. *Uma breve história do PTB*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2002. Trabalho apresentado na Palestra no I Curso de Formação e Capacitação Política, realizado na Sede do PTB. São Paulo, 13 de Julho de 2002. Disponível em http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1280.pdf.

GOMES, Ângela de Castro e D'ARAÚJO, Celina M. *Getulismo e Trabalhismo*. São Paulo, Ática, 1989.

KHOURY, Yara Aun. Narrativas Orais na investigação histórica social. *Revista Projeto História*, São Paulo, volume nº 22, Educ., jun./2001, pp.79 a 103.

NEGRO, Antônio Luigi; SILVA, Fernando Teixeira da. *Trabalhadores, sindicatos e política (1945-1964)*. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Revista Projeto História*, São Paulo, volume n. 10, 1993.

_____. Forma e significado na história oral. A pesquisa como um experimento em igualdade *Revista Projeto História*, São Paulo, volume nº14, pp. 7 a 24, 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na H.O. *Revista Projeto História*, São Paulo, volume? n. 15. pp. 13 a 50, 1997.

TRUZZI, Oswaldo M.S. *Sírios e Libaneses*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 2005. (Série Lazuli imigrantes no Brasil).